

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA**

**DAVI DA SILVA ALVES  
NAJI SAMI AYED MUHAMAD JUDEH**

**O MINIBASQUETE COMO METODOLOGIA DE ENSINO: UM RELATO DE  
EXPERIÊNCIA SOBRE O ENSINO DO BASQUETE PARA CRIANÇAS**

**Uruguiana  
2023**

**DAVI DA SILVA ALVES  
NAJI SAMI AYED MUHAMAD JUDEH**

**O MINIBASQUETE COMO METODOLOGIA DE ENSINO: UM RELATO DE  
EXPERIÊNCIA SOBRE O ENSINO DO BASQUETE PARA CRIANÇAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Susane Graup

Coorientador: Marcio Alessandro Cossio Baez

**Uruguaiana  
2023**

A474 m Alves, Davi da Silva

O minibasquete como metodologia de ensino: um relato de experiência sobre o ensino do basquete para crianças / Davi da Silva Alves, Naji Sami Ayed Muhamad Judeh. -- Uruguaiana, 2023.

27 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) Universidade Federal do Pampa, EDUCAÇÃO FÍSICA, 2023.

Orientação: Susane Graup

1. Minibasquete. 2. Metodologia de ensino. 3. Crianças.  
I. Judeh, Naji Sami Ayed Muhamad. II. Título.

**Davi da Silva Alves**  
**Naji Sami Ayed Muhamad Judeh**

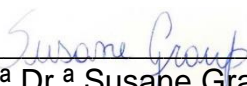
**O MINIBASQUETE COMO METODOLOGIA DE ENSINO: UM RELATO DE  
EXPERIÊNCIA SOBRE O ENSINO DO BASQUETE PARA CRIANÇAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Educação Física.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 08 de fevereiro de 2023

Banca examinadora:


---

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Susane Graup  
Orientadora  
UNIPAMPA

---

  
Prof. Dr. Marcos Roberto Kunzler  
UNIPAMPA

---

  
Prof. Me. Allison Pintos Sabedra  
UNIPAMPA

“Ninguém ignora tudo.  
Ninguém sabe de tudo.  
Todos nós sabemos alguma coisa.  
Todos nós ignoramos alguma coisa.  
Por isso aprendemos sempre ”.

Paulo Freire

## RESUMO

O minibasquete é uma metodologia de ensino que tem como base os princípios de ensino para crianças de ambos os sexos, para que tenham a oportunidade de jogar e ao mesmo tempo de se divertir, sem um demasiado esforço, através de atividades lúdicas. Embora esse método de ensino seja amplamente difundido, no Brasil ainda são poucos os estudos que abordam o ensino de crianças por meio do minibasquete, ainda mais apontando as facilidades e dificuldades do mesmo. Nesse sentido, o presente estudo teve como objetivo relatar o processo de ensino-aprendizado do basquete por meio da metodologia do minibasquete em uma escolinha de iniciação esportiva para crianças. Trata-se de um relato de experiência que tem como objetivo apresentar a experiência de dois acadêmicos de Educação Física em um projeto de basquete que usa a metodologia do minibasquete para o ensino. O projeto tinha duração de duas horas semanais sendo dividido em dois dias na semana sempre no turno matutino, a turma era mista composta por meninos e meninas, num total de 25 crianças, na idade entre 6 e 12 anos, para a prática do esporte, usava-se mini tabelas, tabelas tamanhos oficiais, bolas tamanho 5 e 7, com materiais alternativos, como espaguete de piscina, bolinhas de tênis e escadas de agilidade.

Concluimos que a maneira lúdica de ensinar além de inspirar o desenvolvimento deste trabalho, favorece a formação do participante de maneira prazerosa e não rígida o aprendizado dos alunos pois acabam se divertindo e tendo uma evolução notória na prática do esporte abordado em questão que nessa ocasião foi o basquete. A forma mista de incluir os alunos, fez com que eles desenvolvessem habilidades afetivas com pessoas de sexos opostos, aprenderam a respeitar seu oponente, jogaram em equipe, aprenderam os fundamentos básicos e se divertiram com brincadeiras do seu cotidiano. As brincadeira junto com o basquete, gerou cada vez mais interesse pelos alunos, auxiliou a não ter desistências durante os treinos pois se tornou uma maneira leve e descontraída de aprender, dessa forma cada vez mais crianças se interessaram a praticar essa forma simples de aprender.

Palavras-Chave: Minibasquete, lúdico, crianças, desenvolvimento motor

## **ABSTRACT**

Minibasketball is a teaching methodology that is based on teaching principles for children of both sexes, so that they have the opportunity to play and at the same time have fun, without excessive effort, through playful activities. Although this teaching method is widely disseminated, in Brazil there are still few studies that address the teaching of children through mini-basketball, even more so as to achieve its advantages and difficulties. In this sense, the present study aimed to report the basketball teaching-learning process through the mini-basketball methodology in a sports initiation school for children. This is an experience report that aims to present the experience of two Physical Education students in a basketball project that uses the mini-basketball methodology for teaching. The project lasted two hours a week and was divided into two days a week always in the morning shift, the class was made up of boys and girls, a total of 25 children, aged between 6 and 12 years old, to practice the sport, mini tables, official tables, balls size 5 and 7 were used, with alternative materials such as pool spaghetti, tennis balls and running shoes. We conclude that the playful way of teaching to inspire the development of this work, favoring the formation of the participant in a pleasant way and not disciplining the students' learning because they will end up having fun and having a notorious evolution in the practice of the sport changed in question that on this occasion it was the basketball. The mixed way of including the students, made them develop affective skills with people of opposite sexes, learned to face their opponent, played as a team, learned the basic fundamentals and had fun with their daily games. Playing together with basketball generated more and more interest in the students, helped to avoid dropping out during training because it became a light and relaxed way of learning, so more and more children were interested in practicing this simple way of learning.

**Keywords:** Minibasketball, recreational, children, motor development

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Imagem ilustrativa do professor utilizando o espaguete na atividade	17
Figura 2 – Imagem ilustrativa das atividades de drible	18
Figura 3 – Imagem ilustrativa trabalhando o arremesso	19



## SUMÁRIO

<b>1 APRESENTAÇÃO</b>	<b>10</b>
<b>2 MANUSCRITO</b>	<b>11</b>
<b>Introdução</b>	<b>14</b>
<b>Estratégias Metodológicas</b>	<b>16</b>
<b>Resultados e Discussão</b>	<b>16</b>
<b>Considerações Finais</b>	<b>23</b>
<b>Referências</b>	<b>21</b>

## **1. APRESENTAÇÃO**

O presente Trabalho de Conclusão de Curso foi elaborado e apresentado na forma de artigo científico de acordo com as normas da Revista Vivências, conforme normas em anexo.

## 2. MANUSCRITO

### O MINIBASQUETE COMO METODOLOGIA DE ENSINO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE O ENSINO DO BASQUETE PARA CRIANÇAS

#### MINI BASKETBALL AS A TEACHING METHODOLOGY: AN EXPERIENCE REPORT ON TEACHING BASKETBALL TO CHILDREN

**Resumo:** O presente trabalho trata-se de um relato de experiência que tem como objetivo apresentar nossa experiência no minibasquete, na qual ensina crianças de 6 a 12 anos, discutir as atividades realizadas, assim como sua relevância de ensino, sendo eles meninos e meninas, no intuito de ensinar o basquete de forma lúdica, usando materiais alternativos para o ensino do esporte, demonstrando assim como ocorre o aprendizado, abordando brincadeiras do cotidiano das crianças na forma de ensino. Analisando a influência dessa metodologia de ensino no projeto vigente a fim de abrir o campo de visão sobre novas perspectivas de abordagens, deixando para trás concepções pré-estabelecidas pelo ensino padrão do esporte, favorecendo uma formação de maneira prazerosa e não autoritária tendo o aprendizado dos alunos pois acabam no divertimento tendo uma evolução notória na prática do esporte abordado em questão que nessa ocasião tendo o foco em si só o basquete.

**Palavras-chave:** Minibasquete, lúdico, crianças, desenvolvimento motor

**Abstract:** The present work is an experience report that aims to present our experience in mini-basketball, in which children from 6 to 12 years old are taught, to discuss the activities carried out, as well as their teaching relevance, being boys and girls, in the in order to teach basketball in a playful way, using alternative materials for teaching the sport, thus demonstrating how learning occurs, approaching children's everyday games in the form of teaching. Analyzing the influence of this teaching methodology on the current project in order to open the field of vision on new perspectives of approaches, leaving behind pre-established conceptions by the standard teaching of the sport, favoring a formation in a pleasant and non-authoritarian way, having the learning of the students because they end up having fun with a notable evolution in the practice of the sport addressed in question that on this occasion having the focus on basketball it self.

**keywords:** Minibasketball, recreational, children, motor development.

## Introdução

O basquete é considerado um dos esportes mais populares em todo o mundo (POLICASTRO et al., 2018), sendo considerado um esporte coletivo complexo, devido à interação de diferentes fatores que precisam ser administrados para um resultado eficaz (ROBLES et al, 2013). Durante o ensino do basquete é necessário considerar a tomada de decisão uma variável essencial, pois de acordo com Ibañez et al. (2018) esse esporte exige cooperação de quem joga com os seus colegas de equipe, capacidade de lidar com imprevisibilidade, leitura tática de situações, além da execução de ações técnicas adequadas para a resolução dos problemas do jogo em situações de tempo restrito, que obrigam o jogador a realizar essas ações sob pressão.

A literatura aponta que o basquete é capaz de contribuir para inteligências múltiplas das crianças e algumas outras capacidades essenciais para o processo de formação, técnica e tática

(RIBEIRO, 2014). Ainda, o mesmo autor considera que as crianças devem ser inseridas ao basquetebol em uma vivência multilateral, dando ênfase a prática de forma lúdica, para que o abandono do esporte não seja como já é de costume quando se apresenta ao alto rendimento desde cedo.

De acordo com Wanderlei Filho (2018), tradicionalmente o basquete possui três tipos de métodos de ensino, sendo o analítico ou parcial, o global e o misto. Nesse sentido, o método parcial corresponde ao professor ensinar e tomar as decisões durante a aula, o professor é visto como figura central no processo de ensino-aprendizagem, esse método preza que aprendendo os fundamentos, fica mais fácil na hora de aplicar o jogo o aprendizado dos alunos (DARIDO et al., 2014). Da mesma forma, os autores trazem que no método global a prática se dá por meio do jogo, consistindo em deixar que os alunos decidam, sendo importante a intervenção do professor, no que diz respeito ao adversário, as regras e também as estratégias do jogo.

O ensino do método misto, de acordo com Andrade e Manso (2015), consiste em juntar os métodos parcial e global e usar seus aspectos positivos, por meio de exercícios isolados, semelhante a iniciação do jogo em si. Para o autor, nesse método o professor pode criar mais exercícios e jogos, iniciando com a aprendizagem, a técnica, a tática, o aperfeiçoamento, e o treinamento, tendo sempre como ponto de partida o jogo, pois ele permite os fundamentos básicos e a iniciação.

Considerando o ensino de crianças, Ribeiro (2014), traz que deve ser algo prazeroso, divertido e descontraído, fazendo com que a criança tenha respeito ao seu limite e ao espaço do outro. Nesse sentido, as tarefas que se encaixam nessa forma de pensar se dão através de atividades como saltos, corridas, lançamentos, que chegam próximo ao basquetebol, e não ainda o jogo em si uma vez que o jogo precoce pode expor a criança a vários riscos consideráveis que atrapalham no desenvolvimento motor.

Diante disso, surgiu um método de ensino denominado de Minibasquete que teve como base os princípios de ensino para crianças de ambos os sexos, para que tenham a oportunidade de jogar e ao mesmo tempo de divertir, sem um demasiado esforço, através de atividades lúdicas (TEIGAS et al., 2017). Esse método foi criado em 1950, nos Estados Unidos, pelo professor de educação física Jay Archer, denominado Bidy Basket-Ball, sendo então difundido na Europa através da Espanha em 1962 e logo em seguida na Itália, França, Alemanha, Suíça e Bélgica.

Embora esse método de ensino seja amplamente difundido, no Brasil ainda são poucos os estudos que abordam o ensino de crianças por meio do minibasquete, ainda mais apontando as facilidades e dificuldades do mesmo. Nesse sentido, o presente estudo teve como objetivo relatar o processo de ensino-aprendizado do basquete por meio da metodologia do minibasquete em uma escolinha de iniciação esportiva para crianças.

Sendo assim, esse estudo é importante por trazer elementos da prática de ensino do basquete, a partir de uma metodologia que foi criada e pensada para crianças, podendo trazer conhecimentos, experiências motoras, cognitivas e socioafetivas dos alunos participantes, através da prática do minibasquete, como uma atividade de caráter lúdico e educativo, excluindo o caráter de competitividade exagerado que o esporte pode ter. Vale destacar que a etapa de iniciação nos jogos coletivos é um período que compreende desde o momento em que as crianças se iniciam nos esportes até a decisão por praticarem uma modalidade, e nessa etapa, os conteúdos devem ser ensinados respeitando cada fase do desenvolvimento das crianças e dos pré-adolescentes (OLIVEIRA; PAES, 2004).

## Estratégias Metodológicas

Trata-se de um estudo do tipo Relato de Experiência que é como a expressão escrita de vivências, capaz de contribuir na produção de conhecimentos das mais variadas temáticas, tendo reconhecida importância na discussão de conhecimentos (MUSSI et al., 2021). Aqui estão apresentadas as metodologias utilizadas para o ensino do Basquete considerando o minibasquete como estratégia pedagógica a partir das percepções de dois acadêmicos do curso de Educação Física- Licenciatura de uma Universidade Pública da Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul.

As atividades que deram origem a este relato foram realizadas junto a um projeto de Basquete para crianças que ocorre nas instalações de uma escola privada de Uruguaiana/RS, mas é aberto ao público em geral. Esse projeto ocorre sob responsabilidade de um professor de Educação Física com larga experiência na área esportiva da modalidade.

O projeto de Basquete ocorre duas vezes por semana, com duração de 1 hora cada encontro, nas terças e quintas-feiras pela parte da manhã e tarde, atendendo crianças de 7 a 12 anos. As turmas são divididas de acordo com a faixa etária com variação entre turnos, no qual o turno da manhã abrange as crianças dos 7 aos 10 anos com foco no repertório motor e conjunto de experiências, e no turno da tarde dos 10 aos 12 anos tendo um aprofundamento motor com base no objetivo da prática do basquete. Nesse sentido, o relato foi relativo às atividades desenvolvidas no período de setembro a novembro de 2022 na turma matutina que trabalha a faixa etária dos 7 aos 10 anos, totalizando 15 aulas.

As atividades aconteceram em um ginásio com quadra poliesportiva, sendo usado as tabelas com tamanhos oficiais e as mini tabelas, que são mais apropriadas para o ensino nessa faixa etária. O projeto possui 3 tabelas móveis e reguláveis de acordo com a faixa etária a ser trabalhada, 20 bolas de basquete de diferentes tamanhos (5, 6 e 7), 20 bolinhas de tênis, 1 escada de agilidade, 10 cones grandes, 8 cones pequenos, 20 chapéus chinês, 2 flutuadores, 8 barreiras para salto em diversas alturas, 20 bambolês e 20 bastões. Os conteúdos abordados dentro da metodologia de ensino do minibasquete o jogo de forma recreativa e, com sua riqueza de atividades, proporciona o desenvolvimento social e espírito de equipe, estimula as crianças a trilhar uma vida esportiva saudável.

## Resultados e Discussão

O minibasquete na sua filosofia privilegia o bem-estar das crianças em relação a necessidade de vitórias, garantindo para todos os participantes oportunidades iguais de jogar enquanto desenvolvem suas capacidades e se divertem (ARAÚJO, 2008). De acordo com o autor, para as crianças o minibasquete é um divertimento levado à sério que parte da realidade, sendo importante para o conhecimento de si e dos outros. Corroborando, Almeida (2002) afirma que a importância do minibasquete se dá em promover a educação muito antes do que o esporte propriamente dito.

A ludicidade presente nas ações esportivas constitui um dos aspectos que necessitam ser considerados, tanto na estruturação e no planejamento das atividades de ensino quanto no momento de sua implantação, considerando que o esporte rendimento pode ser uma demanda complexa demais para a faixa etária dos 7 aos 10 anos, devendo enfatizar aspectos da prática esportiva lúdica (DE ROSE JÚNIOR, 2009). Para o autor, a valorização do lúdico no processo de ensino significa considerar que na perspectiva da criança, apenas o lúdico faz sentido.

Vale destacar que a competitividade está presente na formação dos desportistas, fazendo com que superem a si mesmos, conheçam seus limites e se esforcem para alcançar níveis mais

elevados de performance, mas quando se faz excessivamente presente no indivíduo pode levar a atitudes de exclusão, na qual apenas vencer ou obter sucesso são fatores determinantes da prática esportiva (ORTIZ, 2002). Nesse contexto, Marques e Oliveira (2001), já diziam que existe a necessidade de avaliar qual o modo como a criança avalia o sucesso e o fracasso para reorientar o conceito de sucesso para a progressão de habilidade e a participação das crianças, ao invés do resultado.

Nesse sentido, as atividades do projeto de mini-basquetebol foram realizadas em um ginásio poliesportivo de uma escola privada, mas liberado ao público externo. A escola fica situada próximo ao centro da Cidade, contém 110 anos de existência na mesma localidade, composta por uma grande estrutura. Os materiais utilizados para o ensino eram bolinhas de tênis (por ter fácil manuseio pelo público infantil); espaguete de piscina (conhecidos como espaguete flutuante ou macarrão), feito de polietileno, um tipo de plástico atóxico, leve, flexível e impermeável; pneus limpos e pintados que chamam a atenção dos alunos, cones grandes e pequenos, escada de agilidade, mini tabelas de dimensões 1,20m horizontalmente e 0,90m verticalmente, tabela de basquete com 2,60m de altura do chão e bolas de basquete.

Conforme foi estabelecido como regras oficiais da de mini-basquete pela Federação Internacional de Basketball (FIBA, 2022), a bola deve ser esférica, com a superfície exterior de couro, borracha ou de outro material sintético. Sua circunferência deve estar entre 68 e 73 cm e o peso deve estar entre 450 e 500 gramas (bola número 5). Entretanto, existem diferentes tamanhos de bola de acordo com as categorias de ensino e desta maneira, tínhamos as bolas de número 1 (para crianças a partir de 3 anos), 3 (para crianças de 4 a 6 anos) e 5 (entre 7 e 12 anos) e as bolas oficiais, possuindo dimensões e pesos diferentes (DECATHLON, 2022).

As aulas contavam com a participação de 10 a 25 alunos por aulas, dependendo do dia, contando com a participação de crianças de 5 a 10 anos. Nesse sentido, foi possível observar que mesmo com a diferença etária houve um aprendizado igualitário. Quando há uma troca de experiências em sala, ela se torna uma rica fonte de aprendizado, sendo que para Marangon (2003), essa prática pode se tornar ainda mais produtiva quando há o convívio entre turmas de idades diferentes, pois considera que há avanços para todos. A interação entre indivíduos é o que possibilita o desenvolvimento significativo da pessoa, sendo que o estímulo é uma importante ferramenta para o desenvolvimento e interação social (VIGOTSKI, 2010), e desta forma nos momentos de aprendizagens e trocas a crianças só têm a ganhar.

A turma era mista, na qual grande parte das aulas tinham mais meninas. Desta forma, o grupo não era dividido e fazia as mesmas atividades independente do sexo, estatura ou idade. A participação efetiva do grupo feminino é um ponto positivo do projeto, pois de acordo com Galatti et al. (2015), no cenário nacional ainda se observa uma falta de oferta do basquete para meninas e mulheres, refletindo no declínio no número de praticantes. Diante disso, é necessário destacar que poucos clubes possuem equipes de basquetebol feminino, evidenciando o papel social das instituições públicas e projetos sociais nessa oferta para o desenvolvimento do esporte (BENELI; GALATTI; MONTAGNER, 2018).

Quando as atividades envolviam o uso das tabelas, os alunos eram divididos para facilitar que os menores tivessem sucesso na proposta. Assim, a turma era separada por altura e os maiores eram orientados para as tabelas, enquanto os menores faziam as atividades das mini-tabelas. Em relação a essa divisão, muitas vezes era observado um descontentamento dos menores (alunos de menor estatura) em realizar a atividade na mini-tabela, fazendo com que migrassem voluntariamente para as tabelas de tamanho normal, mesmo sem grande sucesso.

Esse resultado pode estar relacionado a aspectos motivacionais para a prática desportiva. Nesse sentido, a motivação pode interferir na seleção e na adesão à atividade, no esforço e na qualidade do desempenho em qualquer que seja a situação (BARRETO, 2008).

Ela pode ser definida como uma atitude psicológica resultante de alguma necessidade ou de algum desejo não satisfeito (SOARES; REIS; PERUFO, 2013).

Desta forma, um estudo realizado com o objetivo de analisar os aspectos motivacionais para a prática do basquete, realizado com 40 crianças e adolescentes, do sexo masculino, de faixa etária entre 9 e 14 anos, participantes de escolinhas de basquete disponibilizadas no contra turno escolar, na cidade de Castro/PR, evidenciou que em relação a competência desportiva, os avaliados eram extremamente competitivos (SOARES; REIS; PERUFO, 2013). Esse resultado reforça a percepção que tivemos durante as aulas, pois a mini-tabela parecia não motivar e a competitividade os fazia migrar para a tabela regular, mesmo sem grande sucesso. Nessa questão da tabela ser maior que o indivíduo, surge como um desafio para com o mesmo, estimulando a querer evoluir no jogo, enfrentando com determinação para finalizar com sucesso a atividade, mostrando força de vontade para melhorar e aprender.

Independente das características dos alunos, foi possível perceber que alguns eram mais desenvolvidos do que os outros, mas a grande maioria ainda tinha muitos fundamentos a melhorar, mesmo já tendo uma percepção sobre o jogo. Diante disso, era perceptível atrasos no desenvolvimento motor e até mesmo déficits de coordenação.

É necessário destacar que as atividades ocorreram em um ano pós-pandemia do COVID-19, no qual muitos alunos ficaram 2 anos sem participar de atividades físicas, permanecendo imersos em atividades tecnológicas e sedentárias. Nesse contexto, a literatura aponta que a pandemia da COVID-19 mudou a prática e os hábitos de exercícios físicos, bem como o bem-estar psicológico das populações, de diferentes formas (SONZA et al., 2021a; SONZA et al., 2021b), indicando a prática de atividades físicas como uma estratégia de saúde pública para evitar o sedentarismo e a queda da qualidade de vida. Em um estudo realizado com 206 crianças do 3º e 4º do ensino primário da França, evidenciou que com a pandemia houve uma diminuição significativa na aptidão física, a medida que aumentou o comportamento sedentário, bem como, foi observado uma diminuição do desempenho cognitivo (CHAMBONNIERE et al., 2021).

No projeto, mesmo de forma lúdica, na grande maioria do tempo, eram realizados exercícios voltados diretamente às habilidades, padrões motores e fundamentos básicos do esporte, como quicar a bola entre os cones, passar a bola seja qual for o passe, ou até mesmo arremessar na tabela. Durante a faixa etária atendida pelo projeto, os alunos estão de acordo com Gallahue e Ozmun (2005), nas fases de desenvolvimento fundamentais (2 a 7 anos) e na fase dos movimentos especializados (7 anos em diante). De acordo com o autor, a estimulação motora é extremamente importante para que a criança consiga avançar em termos de desenvolvimento motor, sendo necessário considerar as características individuais, ambientais e da tarefa.

Considerando o fato da turma ser trabalhada de forma mista, Guimarães et al. (2001), enfatiza que é de suma importância que a Educação Física seja praticada dessa maneira, na qual meninos e meninas precisam vivenciar as aulas juntos, pois através dos movimentos e contatos irão descobrir a sua sexualidade e estabelecerem relações afetivas, nos quais a convivência pode oferecer desenvolvimento de fatores como respeito e compreensão pelo sexo oposto, algo que quando criança encontramos dificuldade. Desta forma, como o mini-basquete não tem uma finalidade competitiva, o trabalho com turmas mistas pode auxiliar no desenvolvimento social dos alunos.

A responsabilidade do projeto era de um professor com larga experiência na modalidade, que contava com cursos na área do basquetebol e minibasquete realizados em países europeus como Espanha, Lituânia e Grécia. Com base nessa formação, o professor responsável organizou o ensino da modalidade adaptando exercícios lúdicos que fugiam do aspecto tradicional, visando assim o bem estar dos alunos. No ensino, o professor também pode ser considerado um fator preponderante, pois pode ser responsável pela falta de

motivação dos alunos, a partir do uso restrito de um método de ensino, o que torna a visão sobre o profissional de Educação Física distorcida, deturpada e negativa (MELHEM, 2004).

As aulas tinham duração de 60 minutos, ocorrendo duas vezes na semana sempre no turno matutino, organizadas em três momentos: aquecimento, alongamento e parte principal. No aquecimento eram realizadas atividades voltadas para preparar o corpo para a prática esportiva, no qual o professor sempre iniciava deixando os alunos bem à vontade com a bola. Cada aluno ficava com uma bola, se deslocando de um lado para outro da quadra para se familiarizar com os materiais e estrutura física.

Vale destacar que parte das atividades foram realizadas em um período em que as manhãs estavam bem frias, reforçando a importância do aquecimento. Weineck (2003, p. 617) comenta que o aquecimento pode ser entendido como toda a medida que serve de preparação para o esporte, visando obter o estado ideal psíquico e físico, a preparação cinética e coordenativa e a prevenção de lesões.

Na sequência do aquecimento era inserido o alongamento, que por vezes era realizado com a bola nas mãos. Essa parte da aula era bem importante, pois o alongamento melhora a flexibilidade do corpo possibilitando movimentos mais amplos, além de também reduzir o risco de lesões durante a prática esportiva. Segundo Geoffroy (2001), a prática do alongamento antes da atividade tem a principal função de agir preventivamente, pois fazendo o movimento correto a musculatura está pronta, para ter uma maior flexibilidade de recuperação, evitando assim problemas articulares, tendinosos e circulatórios, aprimorando também a mobilidade do indivíduo. Conforme diz Gomes (2009) o alongamento por si só, estimula e libera hormônios do bem estar, incluindo a serotonina, nutrindo assim, músculos e órgãos. Ao realizarmos o alongamento antes da atividade física, iremos fazer com que haja o aquecimento dos músculos, levando assim a uma diminuição nas dores musculares que podem ser ocasionadas pelos treinos, bem como as lesões.

Na organização de cada aula, o professor sempre contava como um roteiro do que seria trabalhado, como seriam abordadas as atividades e quais seriam os materiais utilizados. De acordo com Santos e Perin (2013), o professor precisa de um planejamento para poder ter uma avaliação sobre os alunos e poder promover o desenvolvimento dos alunos, dessa forma fazendo com que o planejamento e a avaliação estejam direcionadas para o conhecimento dos alunos.

A aprendizagem deverá seguir uma progressão adequada, sendo do simples ao mais complexo, em ambiente apropriado. Na opinião de Daiuto (1991), a aprendizagem do basquetebol só se torna eficaz e prazerosa quando a criança obtiver maturidade, motivação, vontade de aprender e quando existir um local específico para a atividade e também um ensino progressivo. Nesse sentido, foi possível observar que o planejamento do professor era realizado de forma progressiva, proporcionando o aprendizado e o desenvolvimento de habilidades.

Durante o aquecimento, uma atividade bastante utilizada foi o pega-pega com diversas variações, sendo que em muitos momentos eram utilizados os fundamentos do basquete como elementos do aquecimento, sempre utilizando do lúdico. Diante disso, pode-se dizer que o lúdico é uma metodologia pedagógica que ao ensinar não há cobranças tornando a aprendizagem significativa e de qualidade, desenvolvendo físico, mental e intelectual (SANDIN; MUNIZ, 2022).

Nessas atividades, geralmente o pegador era o professor ou os auxiliares que usavam os espaguetes para “pegar” os alunos (Figura 1). Quando o professor encostava o espagete no aluno, o mesmo deveria permanecer “congelado” (imóvel) em pé com as pernas abertas. Para ser “descongelado” um colega deveria passar por debaixo das pernas. Por vezes, como variação, o aluno “congelado” deveria permanecer agachado para que o colega pulasse por cima para “descongelar”, devendo arremessar a bola para o alto e recuperar a mesma,



trabalhando o controle de bola e o arremesso. A diferença dessas atividades para outro pega-pega se deu no fato dos alunos realizarem todas a brincadeira quicando a bola, inclusive na hora de passar por baixo das pernas dos colegas, estimulando o drible que é um fundamento que será apresentado posteriormente.



**Figura 1.** Imagem ilustrativa do professor utilizando o espaguete na atividade.

Fonte: os autores.

Na parte principal das aulas eram trabalhadas as habilidades e fundamentos do basquete, sendo que as primeiras aulas foram voltadas para o ensino no manejo de bola. Esse fundamento é usado para que haja o domínio e controle da bola, estimulando a melhora da coordenação motora da criança. O manejo de bola, segundo Coutinho (2001), é utilizado para que o aluno tenha domínio e controle da bola, além de procurar melhorar sua coordenação motora, fazendo o movimento decorrente da utilização desse fundamento, manuseando a bola nas diversas situações do jogo.

Para que haja o deslocamento com a bola durante o jogo do basquete, existe a necessidade de utilizar o drible (quicar a bola), que segundo Coutinho (2001) é o termo utilizado para o impulsionamento da bola contra o chão com apenas uma das mãos, para transportar a bola até a quadra adversária, protegendo a bola. Esse fundamento pode ser realizado de forma a alterar entre a mão direita e esquerda, facilitando o esquivamento de um marcador ou fazer o ajuste do corpo para o passe ou arremesso. Um exemplo de atividade utilizada para o trabalho do drible consiste em separar os alunos em duas filas, devendo os mesmos driblar os cones e realizar a volta em um obstáculo, correndo até um aro (bambolê) para realizar a cesta (simular um arremesso). Também eram realizadas atividades, nas quais os alunos deveriam realizar o quique da bola em pé, meia altura e bem baixo (drible baixo) (Figura 2).

Para trabalhar a agilidade dos alunos, em filas e usando uma bola de tênis, os alunos eram instruídos a agarrarem a bolinha antes que ela chegasse na metade da quadra, sempre driblando com a bola de basquete. Assim, trabalhando o drible e a agilidade em conjunto, aumentando a intensidade da brincadeira. A bola de tênis começou a ser arremessada fazendo com que ela quicasse em direção ao outro lado da quadra e o aluno deveria agarrá-la sem que a deixasse entrar em contato com o solo mais de três vezes. Os alunos menores seis anos não conseguiam apanhar a bola de tênis sem deixar que ela entrasse em contato com o solo três vezes, porém, os alunos de sete a dez anos conseguiam empunhar ela notando assim a

coordenação motora mais aguçada, empunhando a bola de tênis ao mesmo tempo em que quicava a de basquete.



**Figura 2.** Imagem ilustrativa das atividades de drible. Fonte: os autores

Foram propostos a eles exercícios funcionais, com cones enfileirados ou em zigue zague, nos quais as vezes era preciso contornar os cones, fazendo a volta de costas nos cones quicando a bola. Também eram utilizadas bolinhas de tênis, sendo que as mesmas eram deixadas a uma distância do aluno, que deveria ir até elas quicando a bola de basquete, pegar a bolinha sem deixar de realizar o drible e voltar correndo. As vezes eram realizadas atividades nas quais as bolinhas de tênis eram lançadas para cima a uma distância considerável do aluno, que deveria correr e pegar a bolinha antes que ela quicasse 3 vezes no solo. Esses exemplos mostram o uso das atividades lúdicas durante o ensino, sendo constantemente estimuladas novas experiências.

Um dos fundamentos mais trabalhados com os alunos foi o arremesso, sendo utilizado na maioria das atividades que eram desenvolvidas. Mesmo que a atividade iniciasse com outra proposta, na medida em que aumentasse a complexidade, no final tinham ligação direta com o arremesso. Nessa perspectiva, o arremesso é considerado como um fundamento de ataque com bola realizado com objetivo de se conseguir a cesta (DE ROSE JÚNIOR, 2010, p. 24), sendo a ação final de uma jogada ofensiva, lançando a bola em direção a cesta, consistindo no principal meio para obter pontos durante o jogo de basquetebol (SILVA; MEIRA JÚNIOR, 2022).

Devido ao fato do arremesso ser um fundamento crucial para fazer o ponto do jogo, era bastante trabalhado no projeto, tanto de forma estática, como dinâmica. As vezes eram incentivado o uso da tabela para auxiliar no apoio para a bola cair melhor na cesta (Figura 3). Esse fundamento geralmente exigia a separação da turma, na qual os mais altos e mais velhos arremessavam nas tabelas normais e os mais jovens e mais baixos nas mini-tabelas. No desenvolvimento das atividades, usava-se a escada de agilidade finalizando na tabela com o arremesso, bem como, corriam em volta dos cones para também finalizar na tabela. Logo após, o professor inseria pneus, para que os alunos corressem quicando a bola e subissem nos pneus para arremessar, trabalhando entre outras capacidades físicas, o equilíbrio.

Nas primeiras aulas foi perceptível a dificuldade que os alunos possuíam em realizar o arremesso, bem como o drible e os passes, mas com o passar das aulas o desenvolvimento foi notório. À medida que os exercícios evoluíam em complexidade, as habilidades das crianças

melhoraram. As principais dificuldades consistiam no deslocamento quicando a bola, pois não possuíam coordenação mesmo já possuindo contatos anteriores com a modalidade.



**Figura 3.** Atividade ilustrativa trabalhando o arremesso. Fonte: os autores

Vale destacar que a infância é entendida como um período de grande importância para o desenvolvimento motor, sobretudo porque é nesta fase que ocorrem o desenvolvimento das habilidades motoras fundamentais, que servirão de base para o desenvolvimento das habilidades especializadas que o indivíduo utilizará nas suas atividades cotidianas, de lazer ou esportivas (GALLAHUE; OZMUN, 2005). Um dos benefícios imediatos de maior magnitude que a prática de atividade física oferece para crianças e adolescentes é a melhora da aptidão física relacionada à saúde. Benefícios advindos da melhora na aptidão cardiorrespiratória, força muscular, flexibilidade e composição corporal contribuem para a melhora das atividades da vida diária nessa faixa etária (DE ROSE JÚNIOR., 2009).

Para que os alunos pudessem interagir entre si e jogar coletivamente, foram inseridas atividades que exigiam o passe. Para Daiuto (1991), esse movimento é o ato de lançar a bola para um jogador da mesma equipe, objetivando a colocação de um colega em melhor posição para progressão em quadra. Para o autor, quando um colega faz o passe, surge outro fundamento que é a recepção da bola, no qual é realizado o recebimento da bola advinda do passe, que pode ser realizado com um ou duas mãos (COUTINHO, 2001).

Daiuto (1991) destaca que o êxito de uma equipe em uma partida de basquetebol está ligado aos acertos precisos de um passe. Nesse sentido, as atividades de passe e recepção incluíam atividades, nas quais os alunos ficavam em filas de frente para o outro executando o passe até chegar ao fim da quadra; em duplas um corria de frente e o outro de costas até o final da quadra; ainda em duplas um aluno parado e o outro fazendo o deslocamento lateral executando um passe e invertendo a posição após tentarem um arremesso no aro.

De maneira geral, a principal diferença entre o basquete tradicional e o minibasquete está no ensino por meio de adaptações e brincadeiras, visando tornar atrativa a atividade para as crianças. Alguns alunos não gostavam de formar fila e fazer o exercício propriamente dito, porém, quando era inserido a brincadeira, sua adesão era maior por se tornar algo mais motivador e menos mecanizado.

Desse modo era perceptível que havia dificuldades por parte dos alunos quando os exercícios não eram focados no lúdico. A exemplo disso, em uma aula o professor solicitou

que driblassem a bola de um lado para o outro da quadra, utilizando o deslocamento lateral. Com essa atividade foi possível perceber que se atrapalham no uso das mãos e na coordenação geral. Entretanto, quando o professor solicitou que imitassem um siri aos se deslocar lateralmente e que fizessem “braços de gavião” para controlar a bola, a atividade fluiu com um melhor ritmo. Diante disso, foi possível perceber que um toque de ludicidade auxiliou na manutenção do foco e na execução do exercício.

Mesmo de forma lúdica, o ensino era disciplinado, no qual o professor utilizava instruções claras e objetivas, assim como utilizava da voz de comando e do som do apito quando necessário. Além disso, sempre os alunos eram estimulados a realizar o exercício e caso não possuíssem sucesso, a atividade era rapidamente adaptada para que o aluno se sentisse motivado.

A evolução dos alunos foi notória pelo fato de que mesmo o ensino sendo lúdico, foram abordados e trabalhados todos os fundamentos básicos do esporte propriamente dito. No início, pelo fato de alguns alunos nunca ter vivenciado o esporte, tiveram uma leve dificuldade para a familiarização com a bola e noção de espaço, porém, ao longo da jornada de brincadeiras e o jogo propriamente dito, percebeu-se que a grande maioria já conseguia efetuar os fundamentos do jogo, trabalhando com tudo que se foi aprendido durante esse período de projeto, conseguindo assim se exigisse realizar um jogo de basquetebol entre os alunos.

O desenvolvimento motor tem sido apontado por Gallahue, Ozmun e Goodway (2013) como a contínua alteração no comportamento motor ao longo do ciclo da vida, proporcionado pela interação entre a necessidade da tarefa, a biologia do indivíduo e as condições do ambiente. Nesse contexto, devido ao fato do projeto não ter trabalho os movimentos de forma mecanizada, sempre combinando o esporte com as brincadeiras, os alunos tiveram uma evolução significativa, demonstrando autonomia para a utilização de suas habilidades motoras executando. As experiências variadas oportunizadas por meio de diversas tarefas lúdicas garantiram o ensino do basquete, considerando seus aspectos técnicos, táticos e de jogo, oportunizando o desenvolvimento de habilidades e da socialização.

## Considerações Finais

O ensino por meio do minibasquete se mostrou uma estratégia metodologia extremamente eficaz para o trabalho com crianças. As brincadeiras fizeram com que os alunos compareçam mais aos treinos, tiveram evolução sem perceber que estavam brincando e aprendendo ao mesmo tempo. Isso se deu a partir das adaptações usadas pelo professor, inserindo materiais alternativos e fazendo com que os alunos do projeto se envolvessem mais uns com os outros, o que fortaleceu os laços de amizade por meio do brincar e aprender.

Nesse sentido, a soma do basquete com a ludicidade, mostrou que uma forma não convencional de ensino é capaz de desenvolver além das habilidades esportivas necessárias para a prática esportiva, a socialização e o desenvolvimento cidadão. Também, o desenvolvimento de habilidades e padrões motores se movimento podem ser considerados um destaque, visto que são capacidades físicas que poderão ser utilizadas para o dia-a-dia, bem como, para outras modalidades esportivas. Por fim, fica entendido que as aulas sendo desenvolvidas dessa maneira trouxeram crescimento aos praticantes na medida em que foi compreendido como um todo e não como atividades isoladas e sem pretensões, sendo o aprendizado de maneira recíproca, revelando o crescimento esperado das crianças e dos professores nessa vivência.

## Referências

ALMEIDA, M.B. **Basquetebol: iniciação**. Rio de Janeiro (RJ): Sprint; 2002.

ANDRADE, Guilherme Baioco; MANSO, Marcus Vinícius Gonçalves. Métodos e abordagens para o ensino do futsal no âmbito escolar. **Trabalho de Conclusão de Curso** apresentado a Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória-ES (2015).

ARAÚJO, A.S.P. **Manual de Treinadores de Minibásquete**. Compilação de documentos produzidos por FPB, ENB e CNMB para aplicação nos escalões de Minibásquete. 2008. Disponível em: <https://www.abmadeira.pt/images/MINIBASQUETE-Documenta%C3%A7%C3%A3o/Manual%20do%20Minibasquete.pdf>. Acesso em 02 de jan. 2023.

BARRETTO, L. C. P., Estudo de Caso de Abandono Esportivo na Modalidade Basquetebol. **Trabalho de Conclusão de Curso** apresentado ao Instituto de Biociências da UNESP. Rio Claro, 2008.

BENELI, L.M. Trajetória esportiva de atletas de alto rendimento no basquetebol masculino e feminino no Brasil: estudo retrospectivo. **Tese de Doutorado** – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

CHAMBONNIERE, C.; FEARNBACH, N.; PELISSIER, L.; GENIN, P.; FILLON, A.; BOSCARO, A.; BONJEAN, L.; BAILLY, M.; SIROUX, J.; GUIRADO, T.; PEREIRA, B.; THIVEL, D.; DUCLOS, M. Adverse collateral effects of COVID-19 public health restrictions on physical fitness and cognitive performance in primary school children. **International Journal of Environmental Research and Public Health**. França, v, 18, Edição 21, 2021.

COUTINHO, N. F. **Basquetebol na escola**. Rio de Janeiro: Sprint, 2001.

DAIUTO, M. **Basquetebol: Metodologia do Ensino**. 6.ed. São Paulo: Hemus, 1991.

DARIDO, S. C. Efeitos do Método Global e Parcial na Aprendizagem do Basquetebol. **Kinesis**, (12). (2014) <https://doi.org/10.5902/231654648370>. Acesso em: 02 de jan. de 2023.

DECATHLON. **Como escolher sua bola de basquete. julho de 2022**. Disponível em: <https://souesportista.decathlon.com.br/como-escolher-sua-bola-de-basquete/>. Acesso em: 02 de jan. de 2023.

DE ROSE JR, D. **Esporte e atividade física na infância e adolescência: uma abordagem multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FANTACHOLI, F.N. O Brincar na Educação Infantil: Jogos, Brinquedos e Brincadeiras – Um Olhar Psicopedagógico. **Revista científica aprender**, v. 1, n.8, p 2-10. Disponível em: <http://revista.fundacaoaprender.org.br/?p=78>. Acesso em: 02 de jun. de 2022.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE BASKETBALL (FIBA). **Regras de mini-basquete**. Comitê Internacional de Mini-basquete. Disponível em:

[http://www.educacaofisica.seed.pr.gov.br/arquivos/File/relatos/regras\\_mini\\_basquete.pdf](http://www.educacaofisica.seed.pr.gov.br/arquivos/File/relatos/regras_mini_basquete.pdf).

Acesso em: 02 de jan. de 2023.

GALATTI, L.R. et al. Determinantes de excelência no basquetebol feminino: as conquistas da seleção Brasileira na perspectiva das atletas. **Revista de Educação Física/ UEM**, v. 26, n. 4, p. 621-632, 2015.

GALLAHUE, D.L.OZMUN, J. C. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. 3. ed. São Paulo: Phorte, 2005.

GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C.; GOODWAY, J. D. **Compreendendo o Desenvolvimento Motor**. 3. ed. São Paulo: Phorte, 2013.

GEOFFROY, Christophe. **Alongamento para todos**. 1ª ed. Barueri, São Paulo: **Manole**, 2001.

GOMES, C. Os benefícios do Alongamento. **Revista Educação Física Fitness**, v.2, p. 20-32, 2009. Disponível em: <http://www.educacaofisica.com.br/fitness2/academias1/os-beneficios-do-alongamento/>. Acesso em: 02 de Jan de 2023

GUIMARÃES, A. A.; PELLINI, F. C.; ARAUJO, J. S. R.; MAZZINI, J. M. Educação física escolar: atitudes e valores. **Revista Motriz**, Rio Claro, v. 7, p. 17-22, 2001.

IBAÑEZ, S. J., GARCIA-RUBIO, J., GÓMEZ, M.-Á. Y GONZALEZ-ESPINOSA, S. (2018). The Impact of Rule Modifications on Elite Basketball Teams' Performance. **Journal of Human Kinetics**, 64(1), 181–193. Disponível em: <https://www.doi.org/10.1515/hukin-2017-0193>. Acesso em: 02 de jan. de 2023

VIGOTSKII, L.S.; LURIA, A.R.; LEONTIEV, A.N. Linguagem, desenvolvimento motor e aprendizagem. 11ª ed. [S. l.]: **Ícone**, 2010.

MARQUES, A., OLIVEIRA, J. O Treino dos Jovens Desportistas. Actualização de alguns temas que fazem a agenda do debate sobre a participação dos mais jovens. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, vol. 1, nº1, pp. 130-137. Porto: FCDEFUP, 2001.

MARANGON, C. Juntos eles aprendem melhor. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/1714/juntos-eles-aprendem-melhor> (2003). Acesso em: 02 de jan. de 2023.

MEIRA, J. P.; GREGOL, G. V.; VAGETTI, G. C.; OLIVEIRA, V. Pedagogia do basquetebol: metodologia da iniciação ao jogo em escolas de Curitiba, Paraná. **Lecturas Educación Física y Deportes (Buenos Aires)**, v. 177, p. 01-10, 2012. Disponível em: <https://efdeportes.com/efd171/pedagogia-do-basquetebol-metodologia.htm>. Acesso em: 02 de jan. de 2023.

MELHEM, A. Brincando e aprendendo basquetebol. Rio de Janeiro: **Editora Sprint**, 2004.

MUSSI, R.F.F.; FLORES, F.F.; ALMEIDA, C.B. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Revista práxis educacional**, v. 17, n. 48, p. 60-77, out./dez. | 2021.

ORTIZ, J.P. El deporte como juego: un análisis cultural. **Tese de Doutorado**. Universidade de Alicante. 2002.

OLIVEIRA, V; PAES, R.R. A pedagogia da iniciação esportiva: um estudo sobre o ensino dos jogos desportivos coletivos. EFDeportes.com, Revista Digital. **Buenos Aires** - Ano 10 - Nº 71 - Abril de 2004. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd71/jogos.htm>. Acesso em: 02 de jan. de 2023.

PAES, Roberto Rodrigues; BALBINO, Hermes Ferreira. Processo de ensino e aprendizagem do basquetebol: perspectivas pedagógicas. In: DE ROSE JR. Dante; TRICOLI, Volmir. (Org.).

Basquetebol: uma visão integrada entre ciência e prática. 1 ed. Barueri: **Manole**, 2005.

POLICASTRO, F; ACCARDO, A.; MARCOVICH, R.; PELAMATTI, G.; ZOIA, S. Relation between Motor and Cognitive Skills in Italian Basketball Players Aged between 7 and 10 Years Old. **Sports** 2018, 6, 80; Disponível em: <https://www.doi.org/10.3390/sports6030080> Acesso em: 02 de jan. de 2023.

RIBEIRO, A. D; VASCONCELOS, M. C; GÔNGORA, R. C; GÔNGORA, R. B; SANTANA, C. W; Idade de início da prática sistemática e vínculo federativo de jogadores de basquetebol participantes do NBB temporada 2009-2010. EFDeportes.com, Revista Digital. **Buenos Aires** - Ano 18 - Nº 190 - Março de 2014 Disponível em: <https://efdeportes.com/efd190/idade-de-inicio-de-jogadores-de-basquetebol.htm>. Acesso em: 02 de jan. de 2023.

ROBLES, M. T. A., BENITO, P. J., FUENTES-GUERRA, F. J. G. Y RODRÍGUEZ, J. R. (2013). Fundamentos pedagógicos de la enseñanza comprensiva del deporte: Una revisión de la literatura. **Cultura, Ciencia y Deporte**, 8(23), 137–146. Disponível em: <https://www.doi.org/10.12800/ccd.v8i23.300>. Acesso em: 02 de jan. de 2023.

SANDIN; MUNIZ. A Importância Dos Jogos E Brincadeiras No Ensino Da Matemática Na Educação Infantil. **Revista acadêmica caderno de diálogos**. 2022, v 1, n. 1, p. 99-129 Disponível em: <https://periodicos.faculdadefamart.edu.br/index.php/cadernodedialogos/article/view/65/29>. Acesso em: 02 de jan. de 2023.

SANTOS, Maria Lúcia dos; PERIN, Conceição Solange Bution. A importância do planejamento de ensino para um bom desempenho do professor em sala de aula. Planejamento. **Revista Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE**, v. 1, n.1, p. 2-24, 2013.

SOARES, A.T.; REIS, C.P.; PERUFO, F.M.F.B.Aspectos motivacionais para a prática do basquetebol na iniciação esportiva de crianças de 9 a 14 anos da cidade de Castro/PR. **Educação Física em Revista - EFR**. 2013, v. 7, n. 3, p. 64-73

SOUZA, C. J. *et al.* Aulas práticas como método de compreensão das estruturas celulares. *In: Encontro Regional de Ensino de Biologia da Regional 6 – Norte*, 2, 2020, Santarém. **Anais**. Santarém, PA: Universidade Federal do Pará, 2020. p. 313-318. Disponível em: [https://sbenbio.org.br/wp-content/uploads/anais/anais\\_IIEREbio\\_Semibio.pdf](https://sbenbio.org.br/wp-content/uploads/anais/anais_IIEREbio_Semibio.pdf). Acesso em: 02 de jan. de 2023.

SONZA, A. *et al.* Lockdown COVID-19 e a Mudança de Comportamento em Exercício Físico, Dor e Bem-Estar Psicológico: Um Estudo Multicêntrico Internacional. *Int. J. Environ. Res. Public Health* 2021 , 18 , 3810. <https://doi.org/10.3390/ijerph18073810> Acesso em: 02 de jan. de 2023.

SONZA A *et al.* Brazil antes e durante Pandemia de COVID-19: Impacto na prática e hábitos de exercício físico : Exercício físico durante o isolamento social. **Acta Biomed** [Internet]. 10 de novembro de 2020 [citado em 26 de janeiro de 2023];92(1):e2021027. Disponível em: <https://www.mattioli1885journals.com/index.php/actabiomedica/article/view/10803>. Acesso em: 02 de jan. de 2023.

TEIGAS, Carlos; ADELINO, Jorge; BAIARRADA, Mário. **História do Basquetebol no Sport Algés e Dafundo**. Minibasquetebol, [s. l.], 30 ago. 2017.

WANDERLEI FILHO, ALMEIDA, A. W; WA A Concepções metodológicas para o ensino do Basquetebol. **Revista Brasileira do Esporte Coletivo** , v. 2, n. 3, 2018.

WEINECK, E.J. **Futebol total: o treinamento físico no futebol**. Tradução de: Sérgio Roberto Ferreira Batista. Guarulhos: **Phorte**, 2000.



## ANEXOS



**TÍTULO DO ARTIGO** (Times New Roman, tamanho da fonte 12, maiúscula, negrito, centralizado)

**TÍTULO EM INGLÊS** (Times New Roman, tamanho da fonte 12, maiúscula, centralizado)

**Resumo:** O resumo deve informar sucintamente os objetivos do artigo, a metodologia utilizada, os resultados/discussões e as conclusões. Tem que ser escrito com frases concisas e não deve conter nomes de autores e obra. Os verbos utilizados devem estar na voz ativa e na terceira pessoa do singular. Texto sequencial com extensão de 150 a 250 palavras. Configuração do texto: Times New Roman, tamanho da fonte 12, justificado, espaçamento simples.

**Palavras-chave:** Mínimo três (3) e máximo cinco (5) separadas por ponto.

**Abstract:** The abstract should basically inform the objectives of the article, the methodology that was used, the results and discussions, and the final considerations. It must be written in concise sentences and must not contain names of authors and works. The verbs used must be in the active voice and in the third person of the singular. Sequential text whit reach of 150 words to 250 words. Text configuration: Times New Roman, font size 12, single-spaced, justified.

**keywords:** at least three (3) and at most five (5), between dots.

**Introdução** (Times New Roman, somente a primeira letra maiúscula, negrito, tamanho 12, justificado e espaçamento entre linhas simples)

O texto do artigo deve ser estruturado, preferencialmente, contemplando os seguintes itens: introdução, metodologia, resultados/discussões, conclusões.

Configuração do texto: Times New Roman, tamanho da fonte 12, espaçamento entrelinhas simples. O número de páginas deve ser no mínimo 10 e no máximo 20, contando com as referências finais. Palavras estrangeiras devem ser grafadas em *itálico*. Citações com mais de três (3) linhas deixar recuso de 4 cm, tamanho da fonte 10, espaçamento entrelinhas simples. Imagens devem ser numeradas com algarismos arábicos, de forma sequencial, precedido da palavra que a designa, por exemplo: Figura 1, Quadro 1, Gráfico 1, Tabela 1. O tamanho da fonte a ser utilizada na identificação da ilustração deve ser a mesma do texto. Conforme exemplificado na Figura 1.

**Figura 1-** Logomarca da URI



Fonte: URI (2020).

### Metodologia





---

Metodologia e/ou detalhamento das atividades. (Fonte Times New Roman, tamanho 12, justificado, espaçamento entre linhas simples).

### Resultados e discussões

Resultados/análises/discussão do trabalho. (Fonte Times New Roman, tamanho 12, justificado e espaçamento entre linhas simples).

### Considerações finais

Parte final do artigo onde se apresentam as conclusões obtidas preferencialmente de forma sucinta. (Fonte Times New Roman, tamanho 12, justificado, espaçamento entre linhas simples).

### Referências

Seguir ABNT - NBR 6023/2018. Salienta-se que apenas devem constar na lista de referências os documentos efetivamente citados no texto.

Enfatiza-se que cada tipo de documento possui elementos específicos que o caracterizam, por exemplo, referência de livros será diferente das referências de artigos científicos.

As referências devem estar alinhadas a esquerda e separadas entre si por um espaço em branco. Ressalta-se que os autores devem ser separados por ponto e vírgula, seguido de espaço. Até três autores citar todos. Quatro ou mais autores, citar todos ou usar a expressão latina *et al.* (e outros). Para esta opção citar o primeiro autor e a expressão *et al.* **Não usar** vírgula antes de *et al.* Ressalta-se que

Para um artigo online acrescentar as informações de acesso: número identificador (Digital Object Identifier – DOI: código alfanumérico que identifica conteúdo em suporte ou URL. Nesse caso deve se acrescentar a frase “Disponível em:” antes do endereço do site. A data de acesso com a expressão “Acesso em: dia mês abreviado ano.”

Exemplos:

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6022**: informação e documentação - artigo em publicação periódica técnica e/ou científica - apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2018.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: informação e documentação - referências - elaboração. Rio de Janeiro: ABNT, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Ofício circular 017/MEC**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 26 jan. 2006.

BUSNELLO, F. M. **O Estado contra o povo**: a construção da hegemonia política a partir do exercício legítimo da violência. 2020. 281 f. Tese (Doutorado em Ciência Política) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Porto Alegre, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/211549>. Acesso em: 15 jul. 2020.

CHASSOT, A. **Alfabetização científica**: questões e desafios para a educação. 8. ed. Ijuí: Unijui, 2018.



LIPPI, E. A.; NOGARO, A.; LUFT, H. M. **Acolhimento da criança de 3 a 5 anos na escola de educação infantil**. Curitiba: CRV, 2017.

MUÑOZ-CASTRO, F. J.; VALVERDE-GAMBERO, E.; HERRERA-USAGRE, M. Predictors of health professionals' satisfaction with continuing education: A cross-sectional study. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 28, p. 1-10, 2020. DOI: 10.1590/1518-8345.3637.3315

PÁDUA, E. M. M. O pôster como estratégia de socialização de trabalhos acadêmicos. *In*: CARVALHO, Maria Cecília Maringoni de (org.). **Construindo o saber: metodologia científica, fundamentos e técnicas**. 24. ed. Campinas: Papirus, 2011. p. 215-218.

RODRIGUES, E. G. *et al.* Formação de professores e método de ensino para crianças surdas. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 26, n. 1, p. 143-158, 2020. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-65382020000100143&lng=en&nr m=iso](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382020000100143&lng=en&nr m=iso). Acesso em: 12 jul. 2020.

SOUZA, C. J. *et al.* Aulas práticas como método de compreensão das estruturas celulares. *In*: Encontro Regional de Ensino de Biologia da Regional 6 – Norte, 2, 2020, Santarém. **Anais...** Santarém, PA: Universidade Federal do Pará, 2020. p. 313-318. Disponível em: [https://sbenbio.org.br/wp-content/uploads/anais/anais\\_IHEREbio\\_Semibio.pdf](https://sbenbio.org.br/wp-content/uploads/anais/anais_IHEREbio_Semibio.pdf). Acesso em: jul. 2020.